

EDUCAÇÃO, MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E RESISTÊNCIA: DESAFIOS À INSERÇÃO DOS SABERES E PRÁTICAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Stéfany Daiane Menezes Batista¹
Hudson Nascimento de Sousa Filho²
Rafaela Cristina Araújo-Gomes³

RESUMO

O objetivo do presente trabalho de pesquisa é investigar os desafios à inserção dos saberes e práticas Afro-brasileiras e Indígenas nas escolas e quais as dificuldades pertinentes para a efetivação de tais ações. Como metodologia destaca-se um estudo qualitativo, com pesquisa bibliográfica realizada em sites/revistas de periódicos, uma vez que para obtenção de informações fez-se necessário a aquisição de diversas leituras, incluindo os referenciais teóricos do saber científico estudado. Desse modo, tornou-se explícito o fato de que – por mais que existem diversos estudos a respeito de resistência, cultura e movimentos socioculturais – a promoção da inserção dos saberes ancestrais nas atividades da educação básica ainda é limitada. Destarte, certos diálogos com tais saberes são negados, permanecem velados, mesmo, contraditoriamente, sendo a escola o ambiente crucial para a formação de pessoas que instiguem o respeito a diversidade cultural.

Palavras-Chave: Currículo. Espaço. Territórios.

EDUCATION, CULTURAL MANIFESTATIONS AND RESISTENCE: CHALLENGES TO THE INSERTION OF AFRO-BRAZILIAN AND INDIGENOUS KNOWLEDGE AND PRACTICES IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate the challenges of incorporating Afro-Brazilian and Indigenous knowledge and practices in schools, as well as the difficulties related to the implementation of such actions. A qualitative study methodology is highlighted, with bibliographic research conducted through websites and academic journals, necessitating diverse readings, including theoretical references from the scientific knowledge studied. It became clear that, despite various studies on resistance, culture, and sociocultural movements, the promotion of ancestral knowledge in basic education activities remains limited. Consequently, certain dialogues with these knowledges are often denied or remain obscured, even though, paradoxically, schools are crucial environments for fostering respect for cultural diversity.

Keywords: Curriculum. Space. Territories.

Data de submissão: 05.10.24

Data de aprovação: 10.12.24

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física- UEPA. Tradutora e Intérprete de Libras UFPA. Especialista em Educação Física Escolar e Inclusão. Pós Graduanda em Saberes e Práticas Afro-brasileiras e Indígenas na Amazônia pelo IFPA Campus Tucuruí. E-mail: profedfstefmenezes@gmail.com

² Docente de Geografia (EBTT) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA – Tucuruí). Docente de Geografia e Estudos Amazônicos (SEMED – Altamira). Mestre em Geografia (PPGeo / UFPA – ALTAMIRA). E-mail: hnascimento329@mail.uft.edu.br

³ Docente de Educação Física (EBTT) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA – Tucuruí). Mestre em Saúde e Tecnologia (PPGST / UFMA – Imperatriz). Doutora em Ciências (PPGenfBio / UNIRIO – Rio de Janeiro). E-mail: rafaela.araujo@ifpa.edu.br

INTRODUÇÃO

A leitura apresentada no presente trabalho de pesquisa objetiva investigar os desafios à inserção dos saberes e práticas Afro-brasileiras e Indígenas no ambiente escolar, quais as dificuldades pertinentes para a efetivação de tais ações e quais os planos pedagógicos construídos pelas instituições visando realizar tal processo?

Em Araújo, Silva e Leal (2020) é destacado que a Educação é um direito de todo cidadão, independentemente de crença, classe social ou raça. A escola torna-se um ambiente onde a população deve retirar todo preconceito enraizado e desconstruir-se, tendo em vista a necessidade de construção de uma consciência crítica e reflexiva. Dessa maneira, emergindo metodologias e dinâmicas com temas que incentivem o pensamento democrático e respeitoso.

De acordo com Gohn (2011) a relação entre movimento social e educação está diretamente vinculada junto às ações práticas de movimentos e grupos sociais que não necessariamente são organizados dentro do ambiente escolar, mas que se articulam com o mesmo. Uma vez que ocorrem duas situações: 1) “na interação entre os movimentos e as instituições educacionais” e 2) “na questão interior do próprio movimento social, junto ao caráter educativo de suas ações, as quais são indispensáveis”. Ao observar o meio acadêmico, principalmente nas bases de pesquisa e na produção das metodologias e teorias existentes, isto é, ao juntar ambas, tem-se o intuito de expressar novidades revolucionárias em Ambientes como, principalmente, o da Educação.

A leitura de Rodrigues, Vassar e Almeida (2020) destaca que atribuir visibilidade à cultura indígena pode trazer sensibilização às comunidades para mostrar que é importante estar vivendo de forma sustentável. Sendo assim, expressar práticas que possam repassar para as gerações futuras (os saberes originários dos povos), pois destacam que valorizar a cultura indígena é um dever de todos. Comentar sobre a cultura dessas comunidades é abrir um leque de caminhos socioculturais, até porque essas práticas são passadas não só nas aldeias indígenas, mas, também, em seus arredores, como nas cidades e unidades da federação.

Os autores Sousa, Santos e Bandeira (2020) assinalam para o fato de que o diálogo a respeito da cultura Afro-brasileira, quando construído no ambiente escolar, deve ser implementado a partir de argumentos que possam ir contra as colocações preconceituosas criadas pelos europeus para justificar suas ações de exploração sobre os povos Negros Africanos. Outrora, em diversas leituras é possível verificar o fato de que, na maioria dos casos, os povos africanos são inferiores, tratados como não civilizados. Além disso, a cultura e os indivíduos afrodescendentes são tratados como seres patológicos que, caso não sejam tratados com adversidades, podem chegar a dispor de riscos à sociedade.

Este artigo então torna-se imprescindível, se a leitura for em virtude de certa expansão do conhecimento a respeito de cultura, resistência e manifestações sociais atreladas aos saberes e práticas afro-brasileiras e indígenas na educação escolar. Tendo em vista o fato de existirem práticas discriminatórias e instituições de ensino que possuem sua dinâmica de organização diretamente relacionadas ao racismo estrutural existente na sociedade. O que torna necessário destacar que com este estudo, as bases e informações contidas são de extrema relevância social, além de ampliar as pesquisas voltadas aos estudos das relações étnico-raciais

Para Bosí (1992) a cultura pode ser entendida como uma junção de saberes e práticas, movimentos, símbolos e valores, os quais se baseiam na Identidade de uma comunidade, assim, assegurando o estado do existir na sociedade e essas práticas são passadas a novas gerações.

No Brasil, a abordagem forçada do colonizador europeu se expressa na imposição de uma cultura própria à população indígena e africana, na criação de conformidade e mudança linguística devido ao domínio dos escravos bem como na relativização e desprezo violento pelas diferentes manifestações culturais (Santos, 2022).

Comentando sobre o exposto acima, a cultura indígena se estabeleceu por todo o país e

de forma mais acentuada no Norte do Brasil. A cultura paraense, por exemplo, é de extrema evidência relacionada com a cultura indígena. O folclore é uma forma de expressão esotérica paraense, a qual é inserida nas escolas através dos contos, lendas e até mesmo com os ensinamentos sobre as práticas de culturas das plantas medicinais amazônicas.

Observa-se a eminente necessidade de se investir em pesquisas que demonstrem a evolução da cultura, da diversidade e das resistências locais existentes em ambientes da Educação Básica na Amazônia Paraense, pois diversas manifestações de discriminação ainda se fazem presentes, as quais precisam ser combatidas e erradicadas. As instituições educacionais possuem um papel importantíssimo na ampliação e visibilidade das informações de valorização e reconhecimento da cultura Afro-brasileira e Indígena no âmbito social, e pode utiliza-se – para efetivação de tais objetivos, se assim os forem – de conteúdos programáticos. Estes, sem embargo, envolvem manifestações culturais variadas como a dança, lutas, literaturas e contos africanos, trabalhos em datas comemorativas, eventos culturais dentre outros, capazes de auxiliar na propagação da cultura afro-brasileira e indígena em ambientes escolares. Entretanto, professores e demais profissionais da educação promovem o diálogo entre saberes e práticas originárias e tradicionais e o contexto cotidiano dos estudantes?

A partir de uma revisão integrativa de literatura e abordagem qualitativa, a metodologia deste estudo favorece a síntese de conhecimentos a respeito de uma determinada temática permitindo a análise e perspectiva sobre o assunto determinado através da observação seletiva e criteriosa dos ensaios disponíveis na literatura. Consoante, o itinerário empregado para a construção de uma revisão integrativa, consiste em: identificação do tema, seleção da questão da pesquisa, estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, categorização dos estudos selecionados, identificação dos estudos pré-selecionados, análise e interpretação dos resultados e pôr fim a apresentação da revisão/síntese do conhecimento que está contida nos resultados da pesquisa, conforme proposto por Dantas *et al.* (2022).

Antes de realizar-se a pesquisa na literatura científica estudada, selecionou-se a temática abordada no trabalho e as questões basilares da pesquisa, a partir de então tornou-se possível determinar os critérios de inclusão e exclusão de estudos.

Uma etapa fundamental para a continuidade e integridade da pesquisa foi a seleção dos textos que seriam utilizados, sendo assim pesquisados em plataformas como: Google acadêmico, Scielo e CAPES; tal seleção possibilitou o balizamento dos assuntos e estudos selecionados posteriormente, dito isto foram selecionados os seguintes descritores: Educação e Cultura (Afro-brasileira e Indígena).

Uma etapa essencial para o estudo consistiu na delimitação dos critérios de inclusão e exclusão, dito isto tem-se os critérios de inclusão, que foram: artigos, dissertações, estudos quantitativos e qualitativos de livre acesso e com a disponibilização do texto na íntegra, estudos que tratassem da temática fosse de estudo, trabalhos desenvolvidos na língua portuguesa, além daqueles que foram publicados no período de janeiro de 2019 a junho de 2024.

Realizou-se pesquisa de estudos nos bancos de dados pré-determinados e supracitados. O quadro 1 demonstra a organização do número de estudos encontrados, com dados sobre a combinação dos descritores utilizada, qual o banco de dados e o número de estudos encontrados em cada banco. Ao todo confere-se 50.963 pesquisas, sendo elas 50.500 no Google Acadêmico, Scielo 5 e CAPES com 458.

Quadro 1- Busca dos descritores nos bancos de dados.

Planos de Busca	Bases de Dados		
	GOOGLE ACADÊMICO	SciELO	CAPES
Cultura, Resistência e Escola	15.600	1	87
Educação, Cultura e Resistência	29.000	4	304
Escola, Resistência e Indígena	15.600	0	48

Educação e Manifestações culturais afro-brasileiras-brasileiras	16.400	0	19
TOTAL	50.500	5	458

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Os critérios de exclusão empregados foram aqueles que vão em contramão aos critérios de inclusão supracitados, sendo: produções científicas que disponibilizam somente o resumo, manuais, periódicos duplicados, protocolos, pesquisas que não tratassem a respeito da temática delimitada e os estudos que não se encaixaram no período definido.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os autores Marques e Torales (2023) salientam que é necessário eleger a escola para muito além de seu significado etimológico ou axiológico, pois é um ambiente rico em práticas sociais ligadas a interações e interligações com a população e instigação da cultura em seu interior, isto é, constituir-se em um meio de transformação e de autotransformação. No mencionado texto os autores citam que a escola na pós-modernidade deve ser apontada como componente de relevância social e da reflexão sobre a cultura no meio educacional e entende que estes elementos, a cultura, escola e educação, contribuem de forma positiva e tem um grande significado na apropriação e ressignificação das informações e conhecimentos dos processos, socioculturais e históricos.

Os movimentos negros clamavam pela inclusão de sua história nas disciplinas escolares, ou seja, ter o reconhecimento do caráter plural da cultura brasileira. Já no século XXI, foi ampliada a luta do mito da democracia racial e foi avançando para discussões no campo das ações afirmativas, junto a implementação dos direitos de cota, principalmente, nas Universidades Públicas e, além disso, os temas como as relações afro-brasileiras e afrodescendentes foram inseridos nas escolas mostrando valorização (MALDONADO; NEIRA, 2024).

Segundo Corsino e Conceição (2016) as instituições de ensino, durante um longo tempo, foram responsáveis por reproduzir e instigar movimentos de desigualdade racial, de gênero, de classe e de gerações. Entretanto, as escolas podem ser espaços que ampliem o conhecimento e ajudem na luta contra os preconceitos enraizados frente aos grupos historicamente marginalizados e julgados injustamente em diversos momentos de nossa sociedade.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), em seu Artigo 26 – A, por exemplo, observa-se que o ensino sobre História e cultura afro-brasileira e indígena é obrigatória nos currículos da Educação Básica. Ou seja, trabalhar conteúdos e temas que possibilitem a valorização da história e cultura é fundamental; promovendo o respeito à diversidade e à pluralidade cultural, além do combate à discriminação e preconceito étnico-racial. Outrossim, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana estabelecem diretrizes para a implementação da Lei n.º 10.639/2003 e da Lei n.º 11.645/2008, definindo objetivos, conteúdos, metodologias e avaliações para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Para uma educação mais ampla e sem discriminação, é necessário o apoio dos docentes no ambiente escolar, já que Brasil (2013) relata que a escola e seus professores não podem viver de improvisos, os mesmos têm que abrir a mente e retirar os ideais racistas e discriminatórios, os quais foram implementados pelo eurocentrismo europeu, ou seja, tem que existir ressignificação, uma reestruturação dos parâmetros educacionais das relações étnico-raciais e sociais.

Na entrevista feita pelos autores Fontenele e Cavalcante (2020) a entrevistada Luiza Mahin, a qual nasceu no Estado de São Paulo, é uma professora negra e diz ter muito orgulho

de quem é, porém, cita que sofreu preconceito até dentro da família. A entrevistada busca mestrado e doutorado, pois diz que quer ampliar seus conhecimentos e crescer profissionalmente e fazer a diferença no âmbito escolar. Nota-se o desempenho da Luiza Mahin, professora negra que procura um melhor desempenho para os seus estudantes.

Essa colocação aponta a importância da qualificação profissional, uma vez que professores que procuram mais conhecimentos, ajudam a fornecer informações livres de estereótipos e preconceito. Tardif (2002) relata que a formação profissional é imprescindível para a carreira e na partilha de conhecimentos científicos e técnicos.

No tópico do artigo de Maldonado e Neira (2021) que aborda o tema cultura afro-brasileira e indígena, os autores analisaram as falas e experiências de outros pesquisadores e destacaram a professora Maria Celeste Rocha, a qual criou um projeto sobre práticas corporais afro-brasileiras (capoeira) e buscou incentivar o pensamento crítico dos estudantes, valorizando a diversidade e a cultura e é claro, durante as suas aulas, inseriu metodologias didáticas como: ouvir as letras de músicas, falar sobre a história das manifestações sociais, debates, assistir filmes e seminários. A professora construiu certa didática interativa para que os discentes prestassem mais atenção e que participassem mais, essa atitude ajuda na diminuição de informações falsas promovida pelos pensamentos eurocêntricos.

Outro entrevistado citado no trabalho de Maldonado e Neira (2021) foi o docente Pedro Bonetto, o qual relatou que desenvolveu brincadeiras de cunho cultural indígena e trouxe momentos de reflexão para as séries iniciais do Ensino Fundamental, fazendo a diferença na vida das crianças junto às aulas de Educação Física. Sabe-se a importância de aplicar os jogos e brincadeiras, principalmente, os indígenas, pois é uma questão de valorização sociocultural de um povo, as brincadeiras como peteca, cabo de guerra e até mesmo as danças são extremamente fulcrais para ampliar os pensamentos em desenvolvimento.

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, serão abordados os resultados e discussões da pesquisa em análise. É válido ressaltar que embora existam pesquisas com as palavras-chaves citadas, foram apenas 15 pesquisas escolhidas para debate, as quais foram relacionadas aos fichamentos dos critérios de inclusão e exclusão. Para um bom entendimento do leitor, foi necessário elaborar alguns debates durante os resultados e discussões, promovendo vivências, relatos e falas de autores, os quais são citados.

Quadro 2 – Síntese dos dados da pesquisa (fichamento).

ESTUDO	ANO	TÍTULO	AUTORES	OBJETIVO	CONCLUSÃO
01	2021	O Lugar Da Cultura Negra, Afro-Brasileira E Indígena Nas Aulas De Educação Física.	MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia.	Examinar de que maneira os educadores de Educação Física, que atuam na Educação Básica, tratam os saberes das culturas negra, afro-brasileira e indígena.	Experiências político-pedagógicas com foco antirracista podem ser identificadas na Educação Física.
02	2020	Práticas docentes no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena	FONTENELE, Zilfran Varela; CAVALCANTE, Maria da Paz.	Busca investigar a eficácia dessa lei em relação à necessidade de ensinar História e Cultura Afro-Brasileira e	Diante o exposto, é necessário salientar que a pesquisa é imprescindível que os docentes

				Indígena, nas atividades dos professores de História do Ensino Médio.	da área de História insiram em suas técnicas de ensino a importância de preservar a memória dos múltiplos grupos étnicos presentes em nossa sociedade, como forma de fortalecer a cidadania e a democracia, o que requer qualificação nas universidades e nos locais de trabalho docente.
03	2020	A cultura afro-brasileira e a dança na Educação Física escolar.	SANTOS, Karolainy Benedit dos; BONA, Bruna Carolini de; TORRIGLIA, Patrícia Laura.	O objetivo do artigo é avaliar se os professores do Ensino Fundamental I das quatro escolas municipais de Santa Rosa do Sul -SC abordam ou não a cultura afro-brasileira através da dança nas aulas de Educação Física.	A valorização da dança afro-brasileira como um tipo de sabedoria não foi destacada e os educadores têm pouca compreensão sobre o tema da dança ou cultura afro-brasileira.
04	2021	Educação do Campo: narrativas que protagonizam práticas de resistência.	CORRÊA, J. L. C.; & NEVES, M. O.	A intenção é analisar de que forma a educação rural colabora para o empoderamento das práticas educacionais de resistência no meio rural.	Foi notado que essa pesquisa ajudou a melhorar as práticas de ensino no ambiente escolar e motivou os professores a valorizarem suas culturas e identidades na instituição de ensino.
05	2022	A escola também é de samba: o ensino de arte como experiência e construção de um processo de aprendizagem decolonial.	DANTAS, Rosane dos Santos.	Estuda o Samba como foco de análise sob a ótica da aprendizagem decolonial, ao destacar como as danças africanas	Esta fundamentação teórica nos levou a buscar o entendimento sobre a diáspora

				<p>impactaram a cultura brasileira e, mais especificamente, o assunto em pauta. Questiona os problemas político-sociais causados pela exploração colonial no Brasil e evidencia a importância das expressões culturais de origem africana como formas de resistência e desenvolvimento de conhecimentos e experiências.</p>	<p>africana e sobre o processo de descolonização e racialização que a comunidade diaspórica realiza na América, conforme planejado por Fanon (2008).</p>
06	2021	Manifestações Culturais Populares	SILVA, Filipe Dias dos Santos	<p>Analisar as expressões culturais populares através das Artes da Cena, é emocionante e diversa.</p>	<p>Inspirado pelos conhecimentos que adquirimos para nossa área de estudo, solicitamos por exigência atenção e sensibilidade ao analisarmos as expressões culturais, principalmente as populares.</p>
07	2020	O direito à educação escolar indígena e a saga do povo koiupanká: A resistência de uma escola “que não existe”	OLIVEIRA, A. J. A. R., & SANTOS, I. M. dos.	<p>O principal objetivo é promover o entendimento e análise sobre a Educação Escolar Indígena em Alagoas e a falta de implementação desse direito como política pública.</p>	<p>Mesmo depois de muitos anos, mesmo em um sistema de república democrática, o governo brasileiro falha em garantir os direitos constitucionais dos povos indígenas que enfrentam discriminação, entre outros desafios.</p>
08	2023	A prática da capoeira como instrumento educacional: arte e cultura.	Florencio Rozendo, J., & de Lunetta e Rodrigues Guerra, A	<p>Desse modo, o objetivo desse trabalho é mostrar que a capoeira deve ser uma forte ferramenta de arte e educação e de patrimônio</p>	<p>A conclusão a que se chega com os resultados é que a capoeira, um esporte culturalmente rico e repleto de</p>

				cultural brasileiro, inclusive no desenvolvimento integral de seus participantes.	movimento corporal, atende aos requisitos da educação física escolar, conforme orientações dos PCNs, promovendo uma perspectiva de cultura corporal de movimento, inclusão e cidadania.
09	2022	“É Complicado, Eles São Muito Fechados” docência e cultura indígena na escola urbana.	SILVA, N. C.; SCARAMUZZA, G. F.	O artigo fala sobre as opiniões dos professores em relação à cultura indígena e sua integração em uma escola pública urbana na Amazônia, com foco nas identidades e diferenças culturais dos povos nativos.	Desse modo, a implementação de diferentes estratégias para coletas de dados, torna-se clara através das narrativas e discussões, as quais os professores representam a cultura e a identidade dos povos indígenas de acordo com a visão construída historicamente pelo discurso colonial eurocêntrico, que busca invisibilizá-los e/ ou marginalizá-los na sociedade.
10	2023	A insurgência da cultura na escola como paradigma na pós-modernidade na educação.	MARQUES, R.; CAMPOS, M. A. T.	O objetivo deste estudo é analisar as influências da cultura na escola como um modelo na pós-modernidade construído a partir de uma abordagem crítica e reflexiva sobre o pensamento estático e a padronização da sociedade.	Por fim, requer a mudança das criações de novas ideias sobre a educação, além de utilizar métodos para instruir e capacitar, capazes de oferecer soluções adequadas aos novos contextos sociais,

					considerando abordagens inovadoras diante dos desafios da era pós-moderna.
11	2020	Educação escolar indígena: a cultura e a história do povo borari na escola indígena de Alter do Chão.	SILVA , Jecilaine Ferreira; RODRIGUES , Gilberto César Lopes.	Examinamos a existência da história dos povos indígenas na escola indígena de Alter do Chão. Onde investigamos como a história e cultura dos Borari estão incluídas no currículo escolar.	Em linhas gerais, a escola discute assuntos indígenas durante a Semana dos Povos Indígenas em abril, em colaboração com estudantes indígenas que lideram iniciativas de reconhecimento dessas comunidades, com ênfase nos Borari.
12	2021	O lugar da cultura negra, afro-brasileira e indígena nas aulas de educação física	MALDONADO , Daniel Teixeira; NEIRA , Marcos Garcia	Examinar como os profissionais que lecionam Educação Física na Educação Básica tratam dos saberes da cultura negra, afro-brasileira e indígena.	Pode-se notar práticas político-pedagógicas com uma abordagem antirracista no ensino de Educação Física.
13	2020	O uso da arte como ferramenta para o ensino da história indígena e afro-brasileira	OSÓRIO , Gleici Vidal; SILVA , Girlane Santos da.	O projeto aborda o surdo da arte como metodologia na educação de História Indígena e Afro-brasileira com os discentes do Ensino Médio da Escola Estadual professor Jorge Karam Neto.	Concluindo, isso leva o aluno a aprender sobre a história para gerar e analisar resultados críticos. Desta forma, o estudo teve origem na urgência de desenvolver maneiras de engajar e despertar a curiosidade dos alunos para assuntos históricos locais.
14	2019	A lei 11.645/08 nas artes e na educação: manifestações culturais indígenas e afro-	MATTAR , Sumaya; SUZUKI , Clarissa;	A pesquisa tem o objetivo de discutir diversos assuntos e tópicos vinculados	As reflexões foram fundamentadas nas

		brasileiras.	PINHEIRO, Maria.	à Lei 11.645/08, a qual determinou a inclusão obrigatória do ensino da História e das culturas afro-brasileiras e indígenas em todos os níveis da Educação Básica, principalmente no ensino de arte.	comunicações e divulgação do Grupo de Trabalho "A Lei 11.645/08 nas Artes e na Educação: Manifestações Culturais Indígenas e Afro-brasileiras", que buscava divulgar ações educativas e de pesquisa em escolas públicas e na formação de professores, devido à implementação da lei mencionada.
15	2023	Literatura infanto-juvenil indígena como resistência e potência na educação para as relações étnico-raciais.	ALMEIDA DE FREITAS, F. R.	A pesquisa tem o intuito de envolver o ensino, extensão e trabalho científico nessas áreas, com foco em literaturas indígenas infanto-juvenis, a partir da análise de duas obras de escritores (brasileiros) de diferentes gerações e etnias.	Os livros mostram como os povos indígenas do Brasil resistem, desenvolvendo a oralidade em escrita, e o impacto dessas literaturas na educação escolar, combatendo o racismo e promovendo uma sociedade justa e democrática.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Nota-se a importância das aulas de Educação Física nas escolas, portanto, ao falar sobre resistência e cultura, percebe-se a disciplina como um método crucial para a inserção dos discentes nos debates referentes às questões étnico-raciais. Durante a leitura do artigo, os autores Maldonado; Neira (2021) citaram uma professora chamada Maria Celeste, professora de Educação Física, a qual fez uma prática com a intenção de analisar junto aos alunos os saberes da cultura afro-brasileira, de forma que possa valorizar o quanto é ampla a cultura negra, durante as suas aulas, vários alunos inseriram diversas brincadeiras, analisaram letras de algumas músicas, prestigiaram filmes sobre o tema e chamaram o público para uma roda de capoeira. Outro relato, também citado na pesquisa, foi o do professor Daniel Maldonado, o qual comenta que durante uma das suas aulas convidou quatro moradoras do Quilombo Caçandoca e que as mesmas realizaram atividades lúdicas com jogos e brincadeiras com os seus alunos.

Como professora de Educação Física, a autora principal este artigo científico, fruto do presente trabalho de pesquisa, propõe práticas didáticas metodológicas em suas aulas, as quais

possam dar visibilidade para os saberes e práticas Afro-brasileiras e Indígenas no Ambiente escolar, uma vez que constrói propostas e didáticas de ensino libertadoras e implementa em suas aulas vivências como as danças folclóricas, como pretinha da Angola, Boi Bumbá e Retumbão, além das lendas do folclore brasileiro e do Estado do Pará, os quais abrangem as diversas culturas indígena, afro-brasileira e quilombola.

Segundo Fontenele e Cavalcante (2020) os indígenas e negros estiveram participando de forma ativa e imprescindível na história do Brasil, assim como os processos históricos, desde o período colonial, desvalorizam tais contribuições à formação do território brasileiro. Ou seja, levar esses debates referentes a história das comunidades indígenas e afro-brasileiras para as escolas é um ato crítico e reflexivo, pois diverge da ideia eurocêntrica e preconceituosa que algumas pessoas propagam, ou seja, isto ajudaria a tornar os estudantes mais críticos e reflexivos com relação à abordagem do tema: História do Brasil.

As autoras Santos, Bona e Torriglia (2020) comentam sobre outra prática, a qual promove manifestações culturais e resistência, sendo a dança. Com ênfase nas danças afro-brasileiras, uma vez que essas práticas não devem ser apenas valorizadas na semana da conscientização negra nas escolas, ou como espetáculos em eventos, é algo mais além, já que os estudantes devem conhecer e ser críticos sobre a cultura, a qual é presente no Brasil, é necessário que os mesmos saibam sobre o que estão estudando, ou porquê estão dançando e reconhecendo aquele momento como diversidade cultural.

É nítida a necessidade de abordarmos sobre as danças e como esta prática corporal abrange informações necessárias como, por exemplo, ao explicar o que é dança aos alunos, deve-se tratar de uma prática de expressão corporal e movimentos e se a dança é definida dessa forma, o folclore junto às danças, é mostrar a luta, resistência e cultura em uma apresentação e os nossos alunos merecem entender e compreender – para além dos signos – os símbolos e significados.

Corrêa; Neves (2021) comentam sobre uma pesquisa referente à formação de professores do campo, com ênfase na cultura quilombola, alguns dos entrevistados destacam que aulas lúdicas e didáticas culturais contribuem para fortalecer as tradições culturais e que notam o apagamento cultural junto ao preconceito da não valorização das diversidades culturais dentro do espaço escolar, entretanto, mostram que existem trabalhos sendo feitos por profissionais que são inseridos no espaço, como as decorações da escola junto aos objetos e utensílios decorativos, os quais são reflexos das lutas e resistências identitárias de um povo ou uma comunidade.

No estudo da autora Dantas (2022) são apresentados relatos sobre o samba e destaca-se a história do mesmo, pois possui um valor significativo nacional. A autora aponta que o samba surge, primeiramente, como um gênero musical, sendo levado aos terreiros religiosos do candomblé do Recôncavo Baiano e foi levado para o Rio de Janeiro pelos negros africanos e, também, as mulheres mais velhas, chamadas de tias baianas, abriam as suas casas nos morros cariocas e fizeram muita fama, assim, abrigando um número grande de escravizados libertos na época e nesses meios culturais, eram celebradas conquistas, lembranças de suas origens e pensamentos futuros, do jeito que Ary Barroso, Zé Ketí e Caetano faziam.

Desse modo, o samba pode ser utilizado como método de ensino didático em aulas de história, literatura, educação física, língua portuguesa e entre outras matérias do ensino regular, pois as mesmas podem auxiliar em leituras, saberes e práticas na vida de estudantes. A autora Dantas, também, comenta que é professora de Artes e transita pela dança, teatro e música, atrelado a Artes Visuais e com a sua experiência essa temática mostra vivência e expressão corporal, desde a sua infância, pois via o povo dançando nas ruas, clubes e carnavais, destacando que o samba é alma, festividade e coletividade.

Silva e Scaramuzza (2022) fizeram pesquisa em uma escola da rede pública municipal dos anos iniciais do Fundamental I (1º ao 5º ano) e comentam que o campo escolar precisa

acompanhar as mudanças educacionais culturais, sociais, históricas e políticas da nossa sociedade contemporânea. E que reconhecer a pluralidade da identidade cultural presente em nossos país, contribui de forma positiva na construção de práticas educacionais que levem os professores e alunos a entenderem seu papel na criação e na reformulação da sociedade em prol dos direitos da sociedade com respeito e equidade.

Durante a pesquisa, as falas dos entrevistados são valorizadas, por exemplo, a professora Telma ressalta que todos os estudantes devem ser acolhidos da mesma forma, independente da sua identidade e sua cultura. Dando embasamento, nós, enquanto professores, temos que respeitar os estudantes, tanto as suas individualidades quanto especificidades, isto é, desde o modo de ver o mundo quanto as suas formas de contribuir com aquele momento da aula.

Rozendo, Lunetta e Guerra (2023) citam mais uma prática essencial que ajuda na promoção da cultura, a capoeira, já que a mesma é reconhecida como uma boa atividade física e possui uma riqueza que auxilia na formação integral do estudante e, além disso, atua no cognitivo, motor e afetivo; a capoeira é rica em cultura e ensinamentos históricos. A capoeira pode-se afirmar que é luta, pois representa sua origem e o combate junto a defesa pessoal, a capoeira é dança e arte por usar a criatividade, expressão corporal, coreografias e, também, é música folclórica, por contar a história de um povo em suas canções.

Enquanto professora participante de rodas de capoeira e vinculada aos movimentos culturais na cidade de Tucuruí-PA, expressei que tais ambientes educacionais precisam ser incentivados, e não só apenas na escola em que trabalhamos, mas nas ruas e em outras locais, assim, ajudando a dar valorização a capoeira e a toda história que a mesma proporciona, a qual deve ser reconhecida pelas comunidades e todos os espaços educacionais.

De acordo com Silva e Scaramuzza (2022) valorizar a pluralidade da Identidade cultural, as quais estão presentes no contexto social, auxilia na construção das práticas de educação e levam professores e estudantes a entenderem o papel da transformação de uma sociedade que luta pelos direitos sociais e de Equidade. O nosso país é um lugar diverso, portanto, entender o significado de um ambiente plural e repleto de cultura é reconhecer que o respeito leva as pessoas, principalmente, os estudantes, a serem mais empáticos.

Marques e Torales (2023) comentam que a diversidade de pessoas que estão nas instituições escolares e como estes ambientes são repletos de cultura e precisa-se ter disposição e ferramentas adequadas para ajudar em práticas didáticas e metodologias inovadoras para dar valor às manifestações socioculturais, para que não afastem os alunos e que não se sintam pressionados. Desse modo, a escola deve propor alternativas para se opor a hegemonia cultural, econômica e políticas que tem no capitalismo o domínio ideológico de classes sociais. O ambiente escolar é composto por indivíduos que possuem crenças, religião, costumes tradicionais e relações políticas filosóficas diversificadas, isto é, mesmo se forem produtos de culturas dominantes ou não, com isso, é necessário investir no processo dialético, pois ajuda a fomentar e criar novas transformações.

Convém destacar que os autores Silva e Rodrigues (2019) colocam em evidência a Educação de qualidade, pois a mesma é fulcral na transmissão dos conhecimentos adquiridos e na promoção das reflexões críticas, fazendo com que desperte o senso crítico e curiosidade dos estudantes. Desse modo, o professor deve fazer a função de transmitir o conteúdo para estimular o discente a ser atuante hoje com vínculo em nas suas raízes históricas. Como exemplificado no trabalho dos autores, já que o foco da pesquisa foi uma escola Indígena para conversar sobre os saberes e práticas e durante a leitura, foi lido que não existem professores indígenas na escola e, além disso, os conteúdos passados não são da realidade local e sim externa.

Dialogando a respeito de novas didáticas e projetos que ajudem na valorização da identidade cultural, os autores Osório e Silva (2020) relatam um projeto realizado no ano de 2018, o qual envolvia oficinas, entrevistas com artistas de raízes afro-brasileiras, além de apresentações culturais. As atividades foram um sucesso e tiveram um grande alcance, no que

resultou na aceitação dos discentes com relação a sua cultura, uma vez que não se aceitavam enquanto negros e durante o projeto estavam atuando na representatividade e autorreconhecimento.

É visível que as leis são imprescindíveis para ajudar valorização e respeito à cultura, como a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, pois o documento diz que é obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena tanto no ensino médio quanto no fundamental. Percebe-se que o racismo no Brasil não diminuirá apenas com a aplicação desta lei, mas que é necessário que existam professores e agentes da educação que possam colocar em prática esta lei, já que os materiais didáticos e o próprio currículo tendem a ser desvalorizado ou o assunto que mostra as informações sobre estes grupos podem estar desvalorizados e não sendo transmitidos (MATTAR; SUZUKI; PINHEIRO, 2020).

Desse modo, é importante mostrar que a escola é um espaço plural e são constituídos de professores e diversos estudantes, ambos pertencentes a várias culturas diferentes, entretanto as relações étnico-raciais, muitas vezes, não são colocadas em evidência e não aparecem no currículo. Isto devido o currículo brasileiro, tradicionalmente, ser constituído de uma matriz eurocêntrica, não abordando os saberes de povos e comunidades indígenas, quilombolas e afro-brasileiras (ALMEIDA, 2021).

Aprender e ensinar conteúdos que informem sobre o passado e formem para o presente significa educar para (re)conhecer a cultura indígena e negra no Brasil, além de que contribuem de forma significativa para a construção do quem somos enquanto pessoas e profissionais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, se torna necessário falar sobre Educação, cultura, saberes e práticas indígenas e afro-brasileiras, uma vez que a sociedade, ainda, persiste em promover a discriminação, intolerância dentre outros tipos de preconceito, principalmente, nas escolas.

De acordo com as pesquisas e relatos sob análise, a abordagem a respeito das manifestações culturais, resistência e saberes no ambiente escolar é crucial para o crescimento pessoal e profissional dos estudantes, uma vez que estas instituições formam pessoas e a mesma possui um papel fundamental para tornar cidadãos que promovam o respeito às diversas culturas. A nossa sociedade atual ainda vive em meio a ações discriminatórios e como profissionais da educação devemos incluir saberes e práticas que instiguem o pensamento crítico e reflexivo dos educandos. A escola é um ambiente social que deve promover o respeito, na diminuição de práticas discriminatórias, pois sabe-se que este, também, ainda é um ambiente que exclui quando há práticas discriminatórias.

A pesquisa permitiu mostrar a importância dos professores nas questões socioculturais da escola, uma vez que é crucial o envolvimento destes em práticas culturais e para que tenham um bom desempenho em suas aulas didáticas é imprescindível que busquem formações complementares ofertadas pelas políticas públicas através de cursos, oficinas, minicursos e palestras que possam garantir uma melhor qualificação profissional, para que os mesmos tenham embasamento teórico-prático para tratarem as adversidades cotidianas.

Assim, a pesquisa garante abrir espaços para novos autores que tenham interesse em trabalhos referentes às culturas Indígenas, Afro-brasileiras e Quilombolas inseridas nas escolas, já que se percebe o aumento dos estudos relacionados. Instigar a pesquisa científica, também, se torna um ato de resistência e manifestação cultural, pois os trabalhos que foram analisados e os relatos dos autores tem o intuito de ampliar o conhecimento e informações para os leitores, assim, contribuindo para a diminuição dos preconceitos enraizados e auxiliando no crescimento de profissionais dessa cultura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA DE FREITAS, F. R. Literatura infanto-juvenil indígena como resistência e potência na educação para as relações étnico-raciais. **Anais da Semana de Licenciatura**, Jataí, v. 1, n. 1, p. 148–159, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/index.php/semlic/article/view/598>. Acesso em: 23 ago. 2024.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão; SOUZA, Maria Lindaci Gomes de; CAVALCANTI, Senyra Martins. **Oralidade, memória e patrimônio: o lugar das comunidades negra**; 2023. Disponível em: <https://www.teseopress.com/imaginariosociales/chapter/oralidade-memoria-e-patrimonio-o-lugar-das-comunidades-negras/>. Acesso em: 29 set. 2023.

ARAÚJO, José Conceição Silva; SILVA, Claudia Santos da; LEAL, Débora Araújo. **A importância do ensino da cultura Afro-brasileira na escola**. Revista Brazilian Journal of Development, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/14065/11763>. Acesso em: 03 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação. **Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, DF: MEC: SEB: Dicei, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/FvVRWqm6VPnjPdQZH53qMdc/>. Acesso em: 03 jun. 2024.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CARVALHO, R. A. P. **Grafismo Indígena: Compreendendo a representação abstrata na pintura corporal Asurini**. PUC-Rio Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-2003. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/28586/22576>. Acesso em: 20 set. 2023.

CORSINO, L. N.; CONCEIÇÃO, W. L. **Educação física escolar e relações étnico-raciais: subsídios para a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08**. Curitiba: CRV, 2016. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003059970>. Acesso em: 03 jun. 2024.

CORRÊA, J. L. C.; NEVES, M. O. Educação do Campo: narrativas que protagonizam práticas de resistência. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoem perspectivas/article/view/6055>. Acesso em: 23 ago. 2024.

DANTAS, Hallana Laisa de Lima et al. Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. **Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem**, v. 12, n. 37, p. 334-345, 2022. Disponível em: <http://recien.com.br/index.php/Recien/article/view/575/589>. Acesso em: 05 maio. 2024.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. 2011. Bras. Educ. 16 (47). Ago 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCkCRVp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 jun. 2024.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NEIRA, Marcos Garcia. **O lugar da cultura negra, afro-brasileira e indígena nas aulas de educação física.** Caderno de Educação Física e Esporte, v. 19, n. 3, p. 19-25, 2021 Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.36453/cefe.2021.n3.26982>. Acesso em: 03 jun. 2024.

MARQUES, R.; CAMPOS, M. A. T. A INSURGÊNCIA DA CULTURA NA ESCOLA COMO PARADIGMA NA PÓS-MODERNIDADE NA EDUCAÇÃO. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 13, n. 37, p. 98–110, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.7582831. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/817>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MATTAR, Sumaya; SUZUKI, Clarissa; PINHEIRO, Maria. **A lei 11.645/08 nas artes e na educação: perspectivas indígenas e afro-brasileiras.** Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786588640036> Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/525 . Acesso em: 31 ago. 2024.

OSÓRIO, Gleici Vidal; SILVA, Girlane Santos da. O Uso Da Arte Como Ferramenta Para O Ensino Da História Indígena E Afro-Brasileira. Academia Edu, Gnarus **Revista de História – UFAM**, 2020 Disponível em: https://www.academia.edu/download/62069594/Esp8-GnarusUFAM-O_Uso_da_Arte20200211-20396-a5lurh.pdf. Acesso em: 31 ago. 2024.

RODRIGUES, I. S. et al. **Por que há necessidade de falar sobre povos indígenas nas regiões em que essa população é minoritária?.** 2020. Determinação Verde, 2020. Disponível em: <https://itr.ufrj.br/determinacaoverde/por-que-ha-necessidade-de-falar-sobre-povos-indigenas-nas-regioes-em-que-essa-populacao-e-minoritaria/#:~:text=A%20divulga%C3%A7%C3%A3o%20da%20cultura%20ind%C3%ADgena,todos%20os%20pa%C3%ADses%20do%20mundo>. Acesso em: 16 set. 2023.

SANTOS, Helena Vitória Nascimento dos. **A importância das narrativas orais nas práticas educativas: por uma proposta curricular decolonial.** Enecult18 UFBA. 2022. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-607/139238.pdf>. Acesso em: 29 set. 2023.

SILVA, N. C.; SCARAMUZZA, G. F. “É Complicado, Eles São Muito Fechados”: docência e cultura indígena na escola urbana. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, [S. l.], v. 31, n. 67, p. 113–126, 2022. DOI: 10.21879/faeaba2358-0194.2022. v31.n67.p113-126. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/13522>. Acesso em: 23 ago. 2024.

SILVA, Jecilaine Ferreira, e Gilberto César Lopes Rodrigues. EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: A CULTURA E A HISTÓRIA DO POVO BORARI NA ESCOLA INDÍGENA DE ALTER DO CHÃO. **Revista Estudos aplicados em Educação**. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_estudos_aplicados/article/view/5880. Acesso em: 23 ago. 2024.

SOUSA, Irany Gomes Souza de; SANTOS, Alipio Felipe Monteiro dos; BANDEIRA, Arkley Marques. Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no Maranhão: Algumas considerações sobre a relação da Educação Quilombola e a formação inicial e continuada. **Revista Unitins**,

2020. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2459>. Acesso em: 03 jun. 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.